



Peter Illiciev/CCS

Cooperação à vista
com o Ministério do
Meio Ambiente

PÁG. 4



Fiocruz auxilia na
revitalização do sistema
de saúde angolano

PÁG. 6



Peter Illiciev/CCS

Pesquisador fala sobre
cooperação com instituto
americano para o combate à
doença de Chagas no Brasil

PÁG. 14

CICLO DE DEBATES AGENDA DE DESENVOLVIMENTO PÓS-2015

Fukuda-Parr: Uma análise crítica sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

Danielle Monteiro - CCS

A cada 15 dias, o Cris/Fiocruz tem promovido debates de temáticas atuais relacionadas à Agenda de Desenvolvimento pós-2015 e ao campo de cooperação internacional. O segundo desses encontros ocorreu em 14 de agosto e abordou os Objetivos do Milênio para o desenvolvimento e os direitos humanos. A conferência, que aconteceu na Ensp/Fiocruz, foi proferida pela economista do desenvolvimento e professora de Relações Internacionais da New School University, Sakiko Fukuda-Parr.

Na abertura do evento, o coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, chamou atenção para importância do compromisso de todas as nações na Agenda de Desenvolvimento Pós-2015. "Para alcançarmos os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, precisamos ter uma agenda de desenvolvimento que seja compartilhada por todos os países, inclusive os desenvolvidos, e que não seja somente uma receita para os países em desenvolvimento", enfatizou. Os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) foram



■ A economista do desenvolvimento e professora de Relações Internacionais da New School University, Sakiko Fukuda-Parr, e o coordenador geral do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, durante a palestra na Fundação. **Foto Peter Illiciev/CCS**



criados em 2000 pela Organização das Nações Unidas (ONU) para serem atingidos pelas 189 nações até 2015. São eles: redução da pobreza; atingir o ensino básico universal; igualdade entre os sexos e a autonomia da mulher; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater a Aids/HIV, malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; e estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento.

Sakiko trouxe ao debate uma visão crítica acerca dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Segundo ela, apesar de os ODM serem importantes, devido à influência que exercem sobre as prioridades políticas e ao seu reconhecimento como uma das principais contribuições da ONU, eles apresentam diversas falhas, sendo que uma delas é a simplificação. “Os ODM resumem um problema complexo em algo simples demais. Eles são concretos e objetivos. Atingir o ensino básico universal, por exemplo, é uma meta objetiva e fácil de se compreender, porém, educação engloba muito mais que isso”, alertou. A limitação e a restrição de cada objetivo que compõe os ODM também estão entre os fatores críticos citados por ela, os quais impedem que importantes princípios como equidade e direitos humanos integrem os ODM. “No caso do objetivo que se refere à educação, por exemplo, a ideia inicial era expandir a educação. Porém, esse objetivo foi traduzido nos ODM com foco somente na educação básica, sem englobar elementos importantes como educação técnica, en-

tre outros que envolvem o campo da educação”, defendeu.

Além da quantificação, que acaba por deixar de lado importantes elementos que não podem ser contabilizados, como solidariedade e equidade, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, para ela, apresentam outro grave problema: a universalidade. “Os ODM servem para todos os países e, com isso, não levam em conta suas particularidades. Ter toda criança na escola talvez não seja um objetivo principal para o Brasil e sim para a Guiné Equatorial ou Moçambique”, observou. Outra principal falha que envolve os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio apontada pela palestrante é o reducionismo. “Princípios como equidade, liberdade, entre outros que foram pensados nos anos 2000 e a partir dos quais os ODM foram originados, desapareceram nos últimos anos”, afirmou.

Além disso, para Sakiko, os ODM não reconhecem agendas importantes estabelecidas em fóruns internacionais, como o desenvolvimento; as estratégias nacionais; a mudança climática; a produtividade e emprego; o desenvolvimento como transformação; e igualdade e equidade. “A conferência de Beijing, realizada em 1995, estabeleceu uma agenda importante para a questão de gênero, porém, somente um objetivo para atingir essa meta foi estabelecido nos ODM. Todo o resto foi negligenciado”, afirmou. Outra questão que, segundo ela, envolve os ODM diz respeito ao cumprimento desses objetivos pelas diversas nações. “Muitos países entraram mais tarde no

grupo que se comprometeu a atingir esses objetivos, fazendo com que os países que entraram anteriormente tivessem uma grande vantagem sobre eles. É por isso que muitas nações africanas falharam com os ODM, o que não é justo com esses países”, refletiu.

Partindo do princípio de que os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio mobilizam as prioridades políticas globais, Sakiko realizou um estudo, juntamente com universidades de diversos países, que investiga as consequências dos ODM sobre a mudança política. A pesquisa englobou 11 estudos de caso, que analisaram cada um dos objetivos que compõem os ODM. O estudo apontou que os ODM tiveram forte impacto nas políticas voltadas ao HIV/Aids; porém, indicou baixo impacto nos campos de emprego, alimentação e desenvolvimento sustentável, além de efeitos ambíguos nas áreas da saúde reprodutiva, educação e saneamento. Diante dessas conclusões, Sakiko propôs uma nova abordagem para a Agenda pós-2015. “Há que se refletir sobre os objetivos pós-2015, e não sobre a Agenda de Desenvolvimento pós-2015”, concluiu.

Sakiko Fukuda-Parr ganhou reconhecimento pelo seu trabalho com o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (Pnud), de 1979 a 1985, e com a fundação do Journal of Human Development. De 1995 a 2006, foi diretora do Informe Mundial sobre Desenvolvimento Humano, o documento anual mais importante sobre direitos humanos e desenvolvimento.

CRIS INFORMA #10 | SETEMBRO DE 2013 - Expediente

Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) | Edição e redação: Danielle Monteiro com colaboração de Thiago Oliveira | Projeto gráfico e edição de arte: Guto Mesquita e Rodrigo Carvalho | Fotografia: Peter Illiciev e Arquivo CCS | Contato: Danielle Monteiro - Tel: (21) 3885-1065 - E-mail: danimonteiro@fiocruz.br

Cooperação à vista com Ministério do Meio Ambiente

Danielle Monteiro - CCS

A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, proferiu conferência na Fiocruz com o tema *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) – Agenda Pós-2015*. Na abertura do encontro, ocorrido em 12 de agosto, o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, lembrou que a temática saúde tem sido colocada como um dos temas centrais na discussão da Agenda de Desenvolvimento pós-2015 e tem tido uma posição relevante na relação com o desenvolvimento sustentável, já tendo sido incorporada no *High Level Panel (Painel de Alto Nível)* da ONU. “Esse momento é especial e abre caminhos para o desenvolvimento de uma cooperação da Fiocruz com o Ministério do Meio Ambiente em torno do tema”, ressaltou. A conferência foi promovida pela Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da Fundação.

Ao abrir a palestra, a ministra destacou que a expectativa do ministério é estabelecer um novo caminho de cooperação e repaginação nas relações da área ambiental com a saúde, tendo a Fiocruz como um dos atores estratégicos nessa discussão. O debate acerca da Agenda de Desenvolvimento pós-2015, segundo ela, é atualmente calcado na tentativa de se solucionar os problemas de uma forma estruturante, e que respeite e trabalhe a diversidade das sociedades. “Esse encontro está sendo motivado não somente pela necessidade de se trabalhar em parceria com as instituições, mas também pelo surgimento de uma nova agenda de políticas públicas, que acaba por se enunciar em função de uma visão política com a qual se espera que o mundo evolua”, disse.

Ao comparar a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como ECO-92, e a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), Izabella chamou atenção para a mudança no conceito de desenvolvimento sustentável e de sua relação

com a saúde. Em 1992, lembrou ela, foi somente a área ambiental que zelou pelas questões do desenvolvimento sustentável, e a questão da saúde, por exemplo, já estava presente, mas de maneira muito tangencial e ligada a questões mais tradicionais da agenda ambiental. Além disso, segundo ela, ao contrário do que ocorreu na ECO-92, a responsabilidade dos resultados da Rio+20 não ficaram restritos somente às instituições ambientais e envolveram maior parte da sociedade. “Até 92, a discussão das Nações Unidas nesse tipo de conferência eram pautadas somente pelos Estados-Membro, não pela sociedade. Foi a conferência de 92 que trouxe os Major Groups (Grupos de Interesse) das Nações Unidas para esse debate político. Após 2012, a intenção é ampliar a participação dos Major Groups nesse debate e discutir quais outras novas expressões da sociedade devem também participar dele”, explicou. Com essa mudança de paradigma, a ciência passa, então, a ganhar maior espaço nessa discussão, disse a ministra: “A área ambiental denunciou que, sem a participação do conhecimento científico, essa discussão não vai a lugar algum”, enfatizou.

A ministra atentou para a necessidade de se debater todas as questões que envolvem a discussão da Agenda de Desenvolvimento pós-2015, já que são muitas as temáticas que integram esse debate. “Muitos não têm noção, por exemplo, do papel que a China, a Índia e a Nigéria, que serão os países mais populosos no futuro, terão em termos ambientais”, alertou. Segundo ela, para atingir seus objetivos, a área ambiental precisa caminhar com um novo viés e de forma mais rápida, além de estar sempre em diálogo com a ciência. “Para isso, essa área precisa de credibilidade, transparência e também de parcerias e da responsabilidade de todos, e não de parte da sociedade”, ressaltou. E a discussão acerca da saúde nesse contexto, ressaltou ela, é fundamental. “É impossível avançarmos em debates acerca dos modelos de desenvolvimento centraliza-



“A expectativa do ministério é estabelecer um novo caminho de cooperação e repaginação nas relações da área ambiental com a saúde, tendo a Fiocruz como um dos atores estratégicos nessa discussão”, afirmou a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira. **Foto Peter Illiciev/CCS**

dos no Homem se a discussão da saúde não estiver na lista”, defendeu. Pesquisa, acesso ao cuidado e diálogo entre saúde e meio ambiente, nesse sentido, para ela, são imprescindíveis. “Discussões que envolvem temáticas como agrotóxicos, entre outras, devem estar na pauta desse debate”, defendeu.

Para a ministra, 2015 é um ano que sinaliza dois grandes aspectos: o final do compromisso com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), no qual a saúde é levada em conta, mas ainda modelada por um conceito conservador, sendo associada somente ao acesso aos serviços; e o surgimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que traz o acúmulo dos ODM e chama os países para um novo debate com o compromisso de toda a sociedade, propondo mudanças por parte das nações e incentivando responsabilidades individuais. E nesse contexto, o Painel de Alto Nível, criado pela Secretaria Geral da ONU para a construção da Agenda de Desenvolvimento pós-2015, segundo ela, surge como um ator determinante, que chama atenção para a necessidade de transformações no pensamento político e para a importância da discussão dos ODS. Izabella também destacou o papel que tem sido exercido pelo Brasil na construção da agenda de desenvolvimento, lembrando que o país se tornou signatário do Protocolo de Nagoia, criado em prol da conservação da biodiversidade em âm-

bito global. “Essa foi uma de nossas grandes conquistas. Acredito que se espera, cada vez mais do Brasil, o protagonismo de seus atores e, talvez por isso, o país esteja sendo tão expressivo nos fóruns internacionais”, disse.

A ministra também lembrou que o Painel de Alto Nível desenvolveu um *transformative shift* (documento com temáticas que devem ser prioritárias para uma Agenda de Desenvolvimento pós-2015 transformadora) e que cada encontro do painel, ocorrido em cidades diferentes, foi marcado por consultas virtuais e diálogo com a sociedade e empresariado, procurando entender como o pós Rio+20 acontece nesse processo. “O Painel decidiu colocar o dedo na ferida em questões primordiais, indo ao encontro do que a Rio+20 estabeleceu. Esperamos que esse relatório gerado por ele (documento com os objetivos de desenvolvimento sustentável, que será apresentado na Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro desse ano), seja incorporado na agenda e assuma liderança do ponto de vista dos diálogos políticos, acabando com a dicotomia e a polarização”, afirmou. Para ela, debates sobre saúde e meio ambiente na Fundação vão ajudar a alimentar diversas questões. “Esse debate aqui poderá levar a discussões sobre diversas outras temáticas como

sobre os indicadores de desenvolvimento sustentável e, também, vai nos ajudar a evitar a polarização e a olharmos para os vários atores envolvidos nessa discussão”, concluiu.

Também presente à conferência, o coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, lembrou que a Fundação, desde 2011, tem trabalhado para que a saúde esteja presente na agenda mundial. “Não faz sentido falarmos em desenvolvimento sustentável sem discutirmos o impacto do meio ambiente na saúde”, destacou. Buss também enfatizou que é preciso maximizar o conceito de saúde nesse debate. “É necessário repensarmos o conceito de saúde universal, pois cobertura universal de saúde não é somente atenção aos enfermos, mas também promoção da saúde e prevenção e tratamento da doença”, alertou.

Contribuições da Fiocruz para a Agenda de Desenvolvimento pós-2015

Em 2012, o Cris/Fiocruz e a Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde criaram um grupo de trabalho para a elaboração de um documento com as principais demandas da saúde, que deveriam ser incorporadas na discussão da Rio+20. Em parceria com o

Ministério da Saúde, a Organização Panamericana da Saúde (Opas), o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes) e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva Abrasco, as propostas foram enviadas ao G-77, pelos ministérios da Saúde e das Relações Exteriores. Graças a esse esforço conjunto, o tema saúde e população ganhou oito parágrafos no documento final da conferência. A comissão da Fiocruz foi mantida e atualmente está focada na agenda da saúde pós-2015.

Outra contribuição da Fundação, também por meio do Cris, foi a elaboração de algumas propostas ao documento da Organização Mundial da Saúde, que trata da posição que a saúde deve ocupar nos próximos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e na agenda mundial. Entre as sugestões, está a ampliação do conceito de cobertura universal de saúde, incluindo nele conceitos como equidade, qualidade, integralidade, políticas extra-setoriais e determinantes sociais. Ainda entre as sugestões apresentadas, está a inclusão do conceito de sistemas universais de saúde. “Cobertura universal de saúde é pouco para alcançarmos nossos objetivos, pois se refere somente à atenção aos enfermos, além de propor a atenção à saúde não como um direito, mas por meio de seguros de saúde”, argumenta Paulo Buss.

CICLO DE DEBATES AGENDA DE DESENVOLVIMENTO PÓS-2015

Rômulo Paes: A importância da Proteção Social na Agenda pós-2015



■ O diretor do Centro Rio+, Rômulo Paes, durante a palestra na Fundação Peter Illiciev/CCS

Danielle Monteiro - CCS

A importância do debate acerca da Proteção Social no âmbito da Agenda de Desenvolvimento pós-2015 foi o tema abordado na palestra Saúde e Desenvolvimento Sustentável, proferida em 1º de agosto pelo diretor do Centro Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (Centro Rio+), Rômulo Paes de Sousa, na Fio-

cruz. O evento foi promovido pelo Cris/Fiocruz e contou com a presença de seu coordenador, Paulo Buss, e do vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde, Valcler Rangel.

Paes deu início à palestra definindo o que é Proteção Social, que, segundo ele, do ponto de vista econômico, são ações combinadas que visam prover bens e/ou serviços às populações pobres ou portadoras de outras vulnera-

bilidades, com o intuito de prover rede de proteção a essas populações, protegê-las contra riscos e choques sociais e econômicos, contribuir com a superação da pobreza e promover a equidade social. Ao fazer uma abordagem sobre a mudança na política de assistência social, ele contou que a assistência social, até pouco tempo atrás, tinha pouca presença na resposta às grandes catástrofes ocorridas no país, e passou a integrar os Comitês de Crise somente recentemente. Ele destacou que a Agenda de Desenvolvimento pós-2015 impõe um desafio às nações, já que requer a construção de um consenso em torno de metas e possibilidades compartilhadas na área social, integrando vários setores nesse chamado grande grupo de políticas sociais. “Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) se

constituíram em uma experiência positiva para que se pudesse forjar esse entendimento. E o que vem após 2015 tem a responsabilidade de buscar o mesmo grau de coesão e requer uma atualização de agenda, além da incorporação dos avanços alcançados do ponto de vista técnico e de gestão de políticas públicas”, enfatizou.

Ele ainda ressaltou que o debate acerca da Proteção Social é importante devido à relevância que ela tem para as políticas públicas e, sobretudo, ao impacto que tem sobre elas. E a transferência de renda na América Latina é exemplo disso, segundo ele. Para mostrar essa importância da Proteção Social, Paes apresentou um estudo do Banco Mundial que apontou, entre 1995 e 2010, redução significativa das populações mais pobres e aumento do número de pessoas pertencentes à classe média em 18 países da América Latina e Caribe, que fazem uso de políticas de transferência de renda e têm uma situação atual favorável em contexto de crise mundial. “Esses países buscaram ampliar a renda das populações mais pobres, mas eles não pretendiam travar o enriquecimento dos mais ricos, o que aconteceu em função de outros fatores”, esclareceu. Outra pesquisa apresentada por ele, realizada pelo Banco Central do Brasil entre 2003 e 2014, mostrou a redução dos seguimentos mais empobrecidos no país - as classes D e E - de 16,4% e 8,6%, respectivamente. “Ao mesmo tempo, o estudo indicou o aumento de 60,2% da classe C durante esse período”, acrescentou Paes.

De acordo com estudo do Ministério da Fazenda, também apresentado por Paes, com a implantação dos programas Bolsa Família, Brasil Sem Miséria e Brasil Carinhoso, 22 milhões de brasileiros saíram da extrema pobreza entre 2011 e início de 2013. “Grande parte do aumento de renda dessas pessoas se deu em função da transferência de renda não apenas pelo Bolsa Família, mas também pe-

los benefícios de prestação continuada, que atende a 3, 5 milhões de idosos com renda abaixo de um salário mínimo”, afirmou. Segundo ele, como o recurso é transferido diretamente para essas famílias, ele gera impacto na vida dessas populações, expandindo o investimento das mesmas. Além disso, os estudos mostrados por Paes indicaram relação da implantação do Bolsa Família com aumento do PIB no país, com a evolução do Índice do Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e ainda relação entre aumento da cobertura com o crescimento do orçamento de países como Brasil, Peru, México, Jamaica, Honduras e Colômbia. Além disso, pesquisa realizada por Paes e ou-

“A Proteção Social contribui para a redução das desigualdades, além de ter um discurso contemporâneo alinhado com temáticas que estão em debate, tais como direitos, equidade e sustentabilidade”

tros pesquisadores, que incluiu 2.853 municípios brasileiros, revelou que programas de transferência de renda, em países de média renda como o Brasil, podem contribuir significativamente para o declínio da mortalidade infantil em crianças menores de cinco anos e para a redução de internações hospitalares e de óbitos atribuídos a causas associadas à pobreza, tais como diarreia e má nutrição. “Esses estudos mostram também que a transferência de renda pode provocar mudanças no comportamento das famílias que, com o aumento em sua renda, acabam por consumir mais alimentos e de melhor qualidade”, explicou.

Para Paes, os dados obtidos reforçam a Proteção Social como um importante componente na Agenda pós-2015. “Por ter um caráter iminente distri-

butivo, a Proteção Social contribui para a redução das desigualdades e tem como área de ação a proteção contra volatilidade e incertezas do cenário econômico, além de ter um discurso contemporâneo alinhado com temáticas que estão em debate, tais como direitos, equidade e sustentabilidade”, disse. No entanto, o debate sobre a temática, para ele, impõe certos desafios, uma vez que a Proteção Social requer a conversão de políticas, ainda precárias, em modelos legais e mais robustos, o que não é simples. Além disso, segundo Paes, a Proteção Social tem certos limites e requer abordagens multi-setoriais e um equilíbrio entre transferências de benefícios e organização de serviços. Para superar essas questões, Paes propôs uma política de Proteção Social ampla baseada em direitos, na articulação de políticas nacionais e subnacionais, na proteção das vulnerabilidades e combate à pobreza, e que tenha ainda vinculação com outras políticas sociais e econômicas e ênfase na prevenção e promoção. “Quando falamos em transferência de renda, precisamos de políticas com ações curativas, que ataquem os determinantes sociais da pobreza e das diversas vulnerabilidades, como a violência contra a criança e a mulher, entre outros grandes temas da proteção e da assistência social”, finalizou.

Rômulo Paes de Sousa é médico epidemiologista, especialista em Avaliação de Políticas Públicas e em Medicina Social, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e PhD em Epidemiologia, pela Universidade de Londres. Paes liderou o desenvolvimento do Atlas das Desigualdades para o Ministério da Saúde do Brasil e é um dos coordenadores do Observatório das Desigualdades da Ensp/Fiocruz. Atuou como docente, pesquisador e consultor em epidemiologia, sistemas de informação em saúde e em saúde pública no Brasil e em países como Reino Unido, África do Sul e Egito.

Centro Rio +

O Rio+ é um centro internacional de excelência em políticas e práticas de desenvolvimento sustentável criado para facilitar a pesquisa e o intercâmbio de conhecimentos, além de promover o debate internacional sobre o desenvolvimento econômico, social e ambiental, integrando governos e sociedade civil. Foi recentemente inaugurado na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro, sendo um legado da Conferên-

cia das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), ocorrida na capital fluminense no ano passado.

Embora sediado no Brasil, a atuação do Centro vai se dar a nível global, uma vez que ele é fruto de parceria entre o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o governo brasileiro. Uma de suas primeiras atividades será dar continuidade às discussões iniciadas pelos Diálogos para

o Desenvolvimento Sustentável, lançados pelo governo com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) antes da realização da Rio+20. O Centro vai trabalhar quatro temas prioritários: clima; erradicação da pobreza; cidades; e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que serão estabelecidos até 2015 para dar continuidade aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM).

Cooperação tem como foco a revitalização da APS em Angola

Tatiane Vargas – Ensp e
Thiago Oliveira - Cris

A Ensp/Fiocruz vem atuando intensamente no âmbito da cooperação técnica internacional. Entre os projetos desenvolvidos, está o Proforsa, fruto da cooperação tripartite entre Brasil, Angola e Japão para fortalecer o sistema de saúde angolano, por meio do desenvolvimento de recursos humanos, e revitalizar a atenção primária à saúde (APS) no país. O Proforsa está inserido na política de cooperação internacional da Fiocruz com os países africanos de língua portuguesa e envolve o Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF), a Educação a Distância (EAD), ambos da Ensp, além da EPSJV/Fiocruz, que atuam na capacitação de gestores de quatro centros de saúde de referência situados em Luanda, capital de Angola. O Cris/Fiocruz é o responsável pela coordenação das atividades da Fundação voltadas para o projeto.

Celina Boga, médica do CSEGSF, explica que o Centro participa do projeto por meio de um curso, cujo objetivo é capacitar e formar gestores no âmbito da atenção primária à saúde. “Como unidade de cuidados primários em saúde acreditada nacional e internacionalmente, em 2012, pelo Consórcio Brasileiro de Acreditação (CBA) e pela Joint Commission International (JCI), o Centro tem muito a colaborar no desenvolvimento de mudanças estruturantes no sistema de saúde angolano. Finalizamos a missão de julho com uma proposta de prontuário individual, denominado por eles como processo clínico, com base no modelo utilizado no Centro”, explicou.

A última missão realizada possuiu o caráter propositivo e foi antecedida de capacitações, que, entre outros temas, possibilitaram aos alunos: desenhar e executar uma análise de contexto de cada centro de saúde de referência e seu território; apreender a metodologia de planejamento estratégico situacional e elaborar planos de ação para enfrentamento de dois problemas críticos e prioritários; compreender e discutir indicadores gerenciais e epidemiológicos; e construir uma proposta de setorização para os centros de saúde de referência baseada na possibilidade de introduzir práticas de vi-

■ Angola sofre com problemas sociais que provocam forte impacto na saúde da população. A proposta da cooperação tripartite é revitalizar a atenção primária à saúde do país africano, facilitando o acesso da população aos serviços de saúde.



gilância e promoção da saúde.

Segundo a médica, a metodologia utilizada no projeto opta pelo desenvolvimento de um conhecimento compartilhado e reconhece as potencialidades e limites da realidade local. Para Celina Boga, as precárias condições de vida e a consequente frágil situação de saúde de parte da população de Angola não serão resolvidas por meio de atividades temporárias. No entanto, projetos que tenham como princípio o fortalecimento das capacidades locais e das ações estruturantes podem contribuir para a implantação de processos de trabalho em prol da melhoria da qualidade de vida da população angolana.

Visita técnica

Seis dirigentes do sistema de saúde de Luanda, em Angola, fizeram uma visita de estudo à Fiocruz de 12 a 16 de agosto. O grupo participa do Curso de Gestão em Atenção Primária do Projeto Proforsa, coordenado por técnicos da Ensp/Fiocruz e da EPSJV/Fiocruz. O objetivo foi conhecer a estrutura e a lógica dos sistemas de atenção primária e de seu fluxo de informação, como documentação de protocolos, fichas de atendimento, agendamentos de pacientes e outros serviços. O grupo iniciou a visita à Fiocruz conhecendo o Castelo Mourisco e o Cris. Eles foram recebidos pelo coordenador da África e CPLP Luiz Eduardo Fonseca, responsável pela cooperação com a África, que realizou uma apresentação geral da Fundação e de sua atuação internacional. “Apresentamos nossos projetos e como realizamos uma cooperação estruturante e sua importância para a diplomacia global em

saúde”, explicou.

Integraram o grupo a chefe de departamento provincial de saúde de Luanda, Vitória Cambuanda, a administradora Ana Domingos Bastos e os diretores de centros de saúde em Luanda, João Calolósio, Moreira Brito, Olga Pereira e Arlina Feijó. Os profissionais conheceram o Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, na Ensp, o Serviço de Documentação e Informação em Saúde (Sedis) e a EPSJV, assim como a UPA de Manguinhos.

A cooperação tripartite e o Proforsa

A cooperação tripartite entre Brasil, Angola e Japão envolve a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), o Ministério da Saúde, por meio da Fiocruz, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica) e o Ministério da Saúde de Angola (Minsa). O projeto Proforsa, com previsão de três anos de duração (2012-2014), visa o fortalecimento do sistema de saúde de Angola através do desenvolvimento de recursos humanos em nível hospitalar (Hospital Josina Machel e Maternidade Lucrecia Paim).

A iniciativa enfatiza o esforço brasileiro, como diretriz do governo, de investimento na cooperação Sul-Sul, especialmente com os países africanos de língua portuguesa, que aportam financiamento por meio de programas de cooperação solidária reforçando as políticas locais. Trata-se de um esforço em contribuir com o desenvolvimento da capacidade técnica de saúde em Angola, visando utilizar, com eficiência e eficácia, o orçamento destinado à área da saúde.

Novas perspectivas para controle da leishmaniose

Pesquisadores testam nova estratégia para o controle do vetor da leishmaniose visceral. Projeto envolve 18 municípios de São Paulo e conta com a parceria de 700 moradores voluntários

Vanessa Sol - IOC

A leishmaniose visceral representa ainda hoje um importante agravo na saúde pública do Brasil. Segundo dados no Ministério da Saúde, entre 2009 e 2011, foram notificados mais de seis mil casos da doença. A ocorrência da enfermidade, que é transmitida pelo inseto *Lutzomyia longipalpis*, conhecido popularmente como mosquito palha, vem aumentando nas áreas urbanas, sendo o cachorro o principal reservatório doméstico do parasito. Atentos a essa realidade, pesquisadores do IOC/Fiocruz, em parceria com o pesquisador Gordon Hamilton da Universidade Keele, na Inglaterra, estão desenvolvendo um projeto para o controle do vetor da doença na região sudeste do país.

Financiando pela Wellcome Trust, fundação internacional que apoia pesquisas biomédicas, o projeto está em sua segunda fase, envolvendo 18 municípios do noroeste do Estado de São Paulo, região com muitos casos da doença. A iniciativa testa o uso do ferormônio sintético do mosquito palha: o 9-Metil Germacreno. O ferormônio é uma substância química secretada por espécies animais com o objetivo principal de promover a atração sexual de indivíduos da mesma espécie.

De acordo com o coordenador do projeto e pesquisador do Laboratório de Doenças Parasitárias do IOC/Fiocruz, Reginaldo Peçanha Brazil, a captura dos vetores é realizada por meio de armadilhas especiais instaladas nas residências de 700 moradores voluntários. “Como as aves também são fonte alimentar para os flebotomíneos (vetor da doença), as armadilhas foram instaladas em galinheiros. O equipamento possui um mecanismo que libera durante três meses o ferormônio, utilizado para atrair as fêmeas do mosquito palha. Nossa estratégia é atrair o inseto e depois eliminá-lo, ajudando no controle da leishmaniose visceral”, explica.

A etapa inicial do projeto foi realizada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, entre 2008 e 2010, época em que a incidência da leishmaniose visceral canina na região estava aumentando e ainda não havia estratégia de controle de flebotomíneos no estado. “A eliminação do vetor da doença é um desafio. Por isso, temos que pensar em estratégias para controlá-lo, a fim de contribuir para a redução da transmissão da leishmaniose, que ainda acomete muitas pessoas em todo o país e com consequências graves para esses pacientes”, destaca o especialista.

O pesquisador antecipa que está em fase de desenvolvimento um kit que utiliza o ferormônio combinado a um cortinado impregnado com inseticida a base. “O ferormônio irá atrair os mosquitos e o inseticida o eliminará”, explica. “Planejamos testar o uso do kit como estratégia de controle, com o objetivo de favorecer a diminuição da densidade de flebotomíneos em determinada localidade”, finaliza Reginaldo Brazil.

Protozoário para o desenvolvimento de vacinas

Com o intuito de produzir conhecimento científico sobre as leishmanioses, o IOC/Fiocruz promoveu, no dia 29 de agosto, uma edição especial de seu Centro de Estudos sobre a doença. O evento contou com a participação do pesquisador Kwang Poo Chang, da Chicago Medical School, que na ocasião proferiu a palestra *Photo-inactivation of Leishmania with ROS as vaccines and vaccine carriers against infectious and malignant diseases*. Chang apresentou dados sobre a utilização do protozoário de gênero *Leishmania*, causador das leishmanioses, no desenvolvimento de vacinas vetorizadas. Neste sistema, o parasito é submetido à fotoinativação, mecanismo que impede sua reprodução no hospedeiro e o consequente desen-



■ O pesquisador Reginaldo Brazil instala a armadilha contendo ferormônio para atrair os mosquitos transmissores da leishmaniose visceral. Foto Gutemberg Brito/IOC

volvimento da doença. “O protozoário pode, então, atuar como veículo de antígenos contra diversas doenças infecciosas ou não, como a própria leishmaniose e o câncer”, disse. De acordo com o especialista, os resultados de testes com modelos experimentais de hamsters vêm se mostrando animadores. “Leishmanias crescem com facilidade em cultura e são capazes de gerar excelente resposta imune”, assegurou.

Leishmaniose visceral

A leishmaniose visceral é uma doença infecciosa sistêmica que compromete o fígado e o baço, além de ocasionar a perda de peso, fraqueza, redução da força muscular, anemia, dentre outras manifestações. Os sintomas podem surgir entre 10 dias a 24 meses após a infecção pelo parasito do gênero *leishmania*. As manifestações clínicas da doença variam de moderadas até as mais graves, que, se não forem tratadas, podem levar o paciente a óbito. Os medicamentos mais utilizados no tratamento são o antimoniato e a anfotericina, que apresentam efeitos colaterais diversos e alto grau de toxicidade. O tratamento para a leishmaniose visceral é oferecido gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde.

Socióloga fala sobre desigualdade na Suécia



■ “Há um aumento de desigualdade de renda entre homens e mulheres nos últimos anos, na Suécia. Temos um mercado de trabalho segregado por gênero”, apontou a socióloga Susanna Toivanen. **Foto Virginia Damas/Ensp**

Luciene Paes - Ensp

Até alguns anos atrás, a Suécia era um exemplo de país com menos desigualdades. Essa foi a constatação do público presente ao Centro de Estudos da Ensp/Fiocruz, ocorrido em 21 de agosto, com palestra da socióloga Susanna Toivanen, da Universidade de Estocolmo. Com o broche do Castelo da Fiocruz na lapela, ela anunciou que quer voltar à instituição. A palestra, coordenada pela pesquisadora Dora Chor, trouxe o tema Determinantes sociais de saúde: como as desigualdades se expressam no trabalho? “Há um aumento de desigualdade de renda entre homens e mulheres, nos últimos anos, na Suécia. Por isso, gênero é sempre um foco nas pesquisas. Temos um mercado de trabalho segregado por gênero”, informou.

Para Susanna, as desigualdades em saúde são evitáveis e inaceitáveis numa sociedade civilizada. “As condições em que vivem e trabalham as pessoas são influenciadas por forças políticas e econômicas”, disse. “Qual a contribuição das condições adversas de trabalho?”, indagou a socióloga. “Elas aumentam os níveis de risco de saúde na maioria das análises quando introduzida a questão das condições de trabalho”, respondeu em seguida. Suas pesquisas envolvem questões como a vida do trabalhador autônomo, as condições de trabalho dos estrangeiros, a

saúde na Suécia e o trabalhador do futuro, permeadas pelo fator determinantes sociais. “Trabalho e relações de emprego são importantes fatores para avaliar a saúde e a qualidade de vida das populações”, disse.

De acordo com dados trazidos pela socióloga a partir de publicações sobre o tema, existem evidências, depois de quase 30 anos de pesquisa no seu país, de que o status social é uma causa de problemas de saúde. “Essa é uma síndrome que determina o risco de doença cardíaca, acidente vascular cerebral, câncer, doenças infecciosas e até mesmo suicídio e homicídio”, apontou. Ela ainda disse que não é apenas por causa da renda ou estilo de vida. “É a experiência psicológica da desigualdade, de quanto controle você tem sobre sua vida e as oportunidades que você tem para plena participação social. Isso tem um efeito profundo em sua saúde”, acrescentou.

Segundo ela, os países com diferenças estreitas de renda entre ricos e pobres têm uma melhor saúde e bem-estar, com índices menores de obesidade, abuso de drogas, gravidez na adolescência, estresse e problemas de saúde mental. Esses países, continuou, também têm serviços de bem-estar melhores e, por isso, oferecem maior acesso à educação, habitação, transporte, prestação de cuidados de saúde e espaços verdes, com uma distribuição mais justa para toda a população.

Susanna também disse que o acesso à educação caracteriza maior ou menor prevalência de questões como acesso ao seguro-saúde, licença trabalhista e exposição a risco físico e psicossocial. “Verifica-se que o trabalhador não empregado ou inativo tem saúde pior em relação ao autônomo ou ao empregado. Quanto aos empregados, oportunidades e discriminação no ambiente de trabalho são fatores importantes na estratificação social”, exemplificou.

A palestrante falou que, num estudo realizado na Finlândia, que tem características semelhantes às da Suécia, foi analisada a relação da obesidade com o desemprego. O resultado acusa que o número de mulheres obesas duplicou na última década. “Elas ficam mais desempregadas, além de ocuparem funções menos qualificadas”, disse.

Dados de 1986 a 2007 indicam que a expectativa de vida na Suécia aumenta para todos os grupos educacionais, sendo maior para homens. No caso das mulheres com baixo nível educacional, só aumentou 0,7%. Em relação à discriminação étnica, informou Susanna, o grupo de estrangeiros é muito vulnerável no mercado de trabalho sueco, mesmo que tenha bom nível educacional. Há muitos médicos, por exemplo, exercendo a profissão de taxista. “Eles aceitam trabalhar no mercado informal, segmento difícil para pesquisadores atuarem”, explicou.

Fiocruz e Universidade de Michigan definem ações de cooperação

A parceria foi firmada nos campos de doenças crônicas, saúde da mulher e da criança, saúde e meio ambiente e história da saúde

Danielle Monteiro - CCS

Em simpósio ocorrido em 9 de agosto, pesquisadores da Fiocruz e da Universidade de Michigan, dos Estados Unidos, definiram ações de cooperação nos campos de doenças crônicas; saúde da mulher e da criança; saúde e meio ambiente; e história da medicina, saúde e ciências humanas. Promovido pela Vice-presidência de Ensino, Informação e Comunicação da Fundação, com apoio do Cris/Fiocruz, o encontro é consequência da visita da reitora da instituição acadêmica, Mary Sue Coleman, à instituição em setembro passado, quando foi selada parceria entre as duas instituições para os próximos cinco anos.

Bancos de Leite Humano e estudos em doenças crônicas

Entre as ações definidas, está o desenvolvimento de um Banco de Leite Humano (BLH) na Universidade de Michigan, baseado no modelo de BLH liderado pelo IFF/Fiocruz. Os Estados Unidos possuem 13 Bancos de Leite Humano e a universidade conta com um programa de aleitamento materno. A expectativa é de que o BLH seja instalado em dois anos. “Como a Universidade de Michigan não conta com um Banco de Leite Humano, dependemos dos BLHs espalhados pelo país para fazer nosso trabalho. Com a concretização dessa parceria, poderemos realizar todo o processamento do leite humano na universidade e, com isso, reduzir nossos custos”, disse a professora de pediatria da Universidade de Michigan, Lisa Hammer. Após um dia de visita ao BLH liderado pelo IFF/Fiocruz, ela contou que ficou admirada com o trabalho lá realizado. “Fiquei impressionada com como o leite humano é muito bem processado e testado e como eles conseguem combinar alta qualidade com baixo custo”, disse. As duas instituições vão promover conferências de telemedicina para a discussão de práticas de amamentação, de oportunidades de pesquisa e para a definição de um plano de ação. “A iniciativa também inclui o treinamento de nutricionistas e pediatras no BLH no Brasil”, adiantou ela.

Em novembro desse ano, pesquisadores da universidade farão uma visita



■ O IFF/Fiocruz levará *expertise* em Bancos de Leite Humano à Universidade de Michigan.
Foto Vinícius Marinho/IFF

aos Bancos de Leite Humano brasileiros e, em contrapartida, um grupo da Fundação vai visitar a instituição acadêmica em 2014. O coordenador da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, João Aprígio (IFF/Fiocruz), destacou que a parceria não se trata somente de uma transferência de tecnologia, mas também da construção de uma relação mais estreita entre dois grupos que enxergam a importância do aleitamento materno. “Com essa cooperação, poderemos avaliar, com bases epistemológicas sólidas, a aplicabilidade brasileira no contexto da sociedade norte-americana, a qual se pauta em referências culturais diferentes no que tange a amamentação”, afirmou.

Já no campo de doenças crônicas, as ações vão envolver produção de pesquisas acerca das diferenças raciais no contexto da saúde. Serão analisados, entre outras questões, fatores que contribuem para essas diferenças raciais em ambos os países, além da heterogeneidade geográfica dessas diferenças raciais, bem como os fatores associados a ela. A iniciativa também vai englobar estudos dos determinantes sociais e das consequências sociais da doença, além de indicadores de enfermidades crônicas e deficiências no Brasil. Em fevereiro do ano que vem, será realizado um seminário via web para a definição dos planos de ação. “Esses estudos vão nos ajudar a entender as causas sociais e biológicas primárias das diferenças raciais no contexto da saúde nos dois países. É muito importante para a saúde pública ter uma compreensão acerca disso”, justificou a epidemiologista Ana Diel, da Escola de Saúde Pública da universidade.

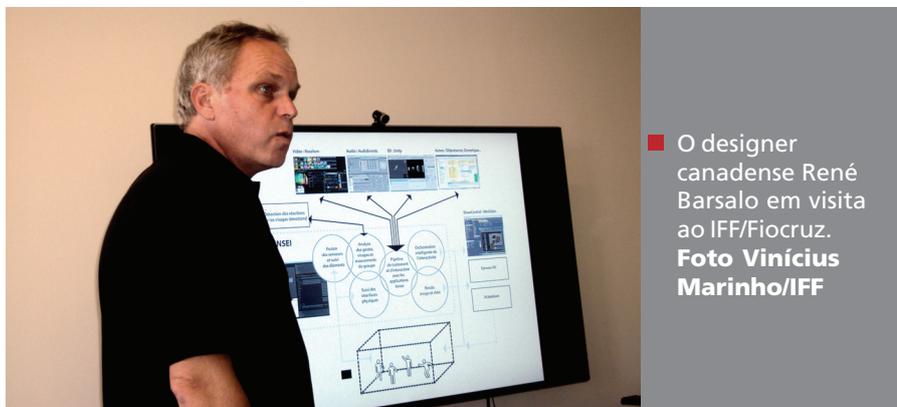
História da Ciência e Saúde e Saúde e Meio Ambiente

As ações conjuntas também vão se dar no campo da história das doenças cardíacas. Segundo a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Histórias da Ciência e da Saúde da COC/Fiocruz, Simone Kropf, a ideia é estabelecer uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos no que se refere ao desenvolvimento dessa área, em torno da figura do cardiologista norte-americano Frank Norman Wilson, fundador e diretor da *Heart Station*, do Hospital da Universidade de Michigan. Wilson esteve no Brasil em 1942 para dar um curso de eletrocardiografia, que foi assistido por outros renomados profissionais da medicina nacional interessados nos problemas cardíacos. “Vamos abordar as técnicas médicas e a produção de conhecimento nos espaços em que esse debate ocorreu”, explicou ela.

Ainda entre as ações, está a produção de pesquisas nas áreas de raça e saúde em uma perspectiva multidisciplinar; e de urbanismo, pobreza e saúde, abordando o trabalho de campo do antropólogo americano Anthony Leeds nas favelas do Rio de Janeiro. A proposta é produzir artigos em conjunto com o grupo que vai trabalhar as ações no campo de doenças crônicas. Em agosto de 2014, serão promovidos na Fundação dois cursos de pós-graduação de curta duração, focados nessas temáticas, com a participação de alunos e professores das duas instituições.

As doenças transmitidas pela água, o monitoramento e avaliação da saúde ambiental, as mudanças climáticas e eventos por elas causados e a produção de pesquisa em zoonose serão o foco das ações firmadas no campo de saúde e meio ambiente. As iniciativas vão integrar treinamentos, cursos de pós-doutorado e intercâmbio financiados pela Fiocruz. “Vamos desenvolver métodos para avaliar a aceitabilidade e o custo-benefício de diferentes métodos de descontaminação da água na zona rural amazônica”, revelou o epidemiologista da Escola de Saúde Pública da universidade, Joe Eisenberg.

O designer canadense René Barsalo em visita ao IFF/Fiocruz



■ O designer canadense René Barsalo em visita ao IFF/Fiocruz. Foto Vinícius Marinho/IFF

O designer canadense René Barsalo esteve no IFF/Fiocruz, no dia 26 de agosto, em companhia da assessora técnica da Vice-Presidência de Produção e Inovação em Saúde da Fiocruz, Gabriela Padilha. Barsalo atua em projetos de humanização por meio de alternativas virtuais que colaboram com o processo de facilitação da interação e mediação, desenvolvimento de habilidades sociais e empoderamento de crianças e adolescentes no Hospital Ste-Justine, da Universidade de Montreal, o maior da América do Norte voltado à atenção materno-infantil. Durante o encontro, foi abordada a possibilidade de parcerias entre o IFF/Fiocruz e o hospital canadense quanto ao projeto físico das futuras instalações do instituto e também no âmbito do ensino, promovendo o intercâmbio de expertises entre as duas instituições.

Uma das intervenções da equipe de Barsalo no Ste-Justine se dá por meio de projeções nos quartos ou bo-

xes dos pacientes internados. Cada criança customiza, por computador, a decoração do próprio espaço, que é projetada nas paredes, teto e móveis, criando ambientes virtuais individualizados. Para a pesquisadora e terapeuta ocupacional Rosa Mitre, existe uma enorme convergência entre o trabalho desenvolvido pelo designer canadense e a filosofia que fundamenta a atuação do Saúde e Brincar, do IFF/Fiocruz. “Ele usa essas estratégias tecnológicas baseado no potencial da imaginação e possibilidade de escolha da criança, como recursos não farmacológicos que auxiliam, inclusive, o indivíduo a lidar com a dor por meio do seu envolvimento em outras atividades. Aqui, nós apostamos no brincar como forma de favorecer a elaboração dos processos vividos pela criança durante a internação, humanizando sua relação com o ambiente hospitalar”, enfatiza.

Fonte: IFF/Fiocruz

Chile quer ampliar cooperação com Fiocruz



O embaixador do Chile no Brasil, Fernando Schmidt, e o subsecretário de Saúde do Chile, Luis Castillo, foram recebidos em 20 de agosto na Fiocruz Brasília pelo presidente da Fundação, Paulo Gadelha. Desde o início de 2012, época em que foi firmado acordo entre Chile e Fiocruz, profissionais de saúde chilenos vêm ao Brasil para participar de capacitações contínuas na Fundação, principalmente em atenção primária.

Gadelha ressaltou que, além do ensino, a Fiocruz atua, por exemplo, com pesquisas estratégicas para a busca de soluções para os problemas da saúde, na elaboração de políticas públicas para o Brasil, produção de medicamentos e vacinas e novas tecnologias, cooperação internacional, e participa de discussões internacionais no âmbito da Organização Mundial da Saúde (OMS). “Seria interessante conhecer com mais profundidade as atividades da Fiocruz e planejar uma cooperação estruturante junto ao Cris/Fiocruz”, propôs.

O subsecretário afirmou que, para o Chile, é relevante fortalecer a cooperação com a Fiocruz, pois é uma instituição séria e de muito prestígio no campo da saúde. O primeiro passo para fortalecer a cooperação será dado com uma reunião entre o coordenador geral do Cris, Paulo Buss, e o governo chileno.

Fonte: Fiocruz Brasília

Fiocruz na diretoria executiva da WFCC

A pesquisadora Manuela da Silva, assessora da Vice-Presidência de Pesquisa e Laboratórios de Referência (VPPLR) e coordenadora das coleções biológicas da Fiocruz, foi eleita membro da diretoria executiva da Federação Mundial de Coleções de Cultura (WFCC, na sigla em inglês) pelo período de 2013 a 2016.

A WFCC é uma comissão multidisciplinar que busca promover e dar

suporte ao estabelecimento de coleções de culturas e serviços relacionados, favorecer a cooperação e estabelecer uma rede de informações entre as coleções de culturas e seus usuários, e trabalhar para garantir a manutenção de longo prazo dessas coleções. Manuela vai representar a Fundação, o Brasil, a América Latina e as comunidades de língua portuguesa na diretoria executiva da WFCC.

Transferência de tecnologia de Insulina



Durante a reunião, que faz parte da terceira etapa do acordo de transferência de tecnologia, foi disponibilizada a documentação técnica sobre o hormônio.

Alexandre Matos - Farmanguinhos

No dia 1º de agosto, uma equipe da empresa ucraniana Indar esteve em Farmanguinhos para cumprir mais uma etapa do cronograma de transferência de tecnologia da Insulina Recombinante humana aos pesquisadores da unidade. A produção no futuro, no Brasil, do hormônio utilizado no tratamento do diabetes será fruto de uma Parceria de Desenvolvimento Produtivo (PDP) envolvendo as duas instituições. Durante o encontro, foi entregue a documentação para iniciar a importação das cepas de insulina a ser desenvolvida e produzida em Far, bem como as informações técnicas sobre o produto.

De acordo com a coordenadora

de Desenvolvimento Tecnológico, Kátia Miriam, o compromisso faz parte da terceira etapa do acordo. “Esta fase deverá ser finalizada em setembro, quando será entregue a documentação final”, disse. A insulina será desenvolvida no laboratório de Bioprodutos, localizado no campus de Manguinhos. No entanto, durante este período de desenvolvimento, o hormônio vem sendo produzido naquele país do Leste Europeu já com a identidade visual de Farmanguinhos, a fim de garantir o fornecimento aos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Clique aqui para ler artigo que aborda todo o processo de transferência tecnológica do hormônio, bem como a importância da produção pública de insulina para o Brasil.

Canal Saúde é referência para emissora argentina

Gabriel Cavalcanti – Canal Saúde

Dois gestores do Canal Salud, da Argentina, estiveram no Rio de Janeiro para uma visita técnica ao Canal Saúde/Fiocruz. O objetivo é conhecer de perto a infraestrutura e o funcionamento da emissora para preparar o lançamento do primeiro canal de televisão exclusivamente voltado para a saúde no país vizinho. O Canal Salud, que está em fase de implantação, será gerido pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nacional de Córdoba (UNC), na Argentina, e nasce nos mesmos moldes e sob inspiração do Canal Saúde brasileiro, sendo fruto de termo de cooperação assinado esse ano na Argentina.

O médico especializado em saúde pública e gestor de desenvolvimento acadêmico do Canal Salud, Emilio Izoa, e o gestor de audiovisual do canal argentino, Daniel Ribetti, formado em Cinema e Televisão, vão acompanhar a produção e gravação de diversos programas, entre eles o Sala de Convidados, o Jornal da Saúde e o Ligado em Saúde. “Nós temos a missão de desenvolver esse começo do Canal Salud, que implica em, quando voltarmos, avançar nos pressupostos da emissora, na definição das equipes necessárias e dos recursos humanos para começar a produzir audiovisuais em maior escala”, contou Izoa. “O apoio de vocês nisso tem sido fundamental”, ressaltou.

Investimento em pesquisas para o desenvolvimento dos sistemas universais de saúde

Durante o lançamento do Relatório mundial de saúde 2013: pesquisa para a cobertura de saúde universal, em Pequim, a diretora-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Margaret Chan, atentou para a importância do investimento em pesquisas para o desenvolvimento dos sistemas universais de saúde. Para a OMS, a cobertura universal em saúde é um meio de os países garantirem que todos os cidadãos tenham acesso a serviços de saúde essenciais. “A cobertura universal é o conceito mais poderoso que a saúde pública tem para oferecer”, ressaltou ela. Leia mais no [Portal da Inovação na gestão do SUS](#)

Inep disponibiliza publicações traduzidas para português

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) disponibiliza, em seu portal eletrônico, uma série de publicações internacionais traduzidas para o português.

O Inep foi o responsável por publicar traduções lançadas pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Uma delas é a série de estudos Indicadores Educacionais em Foco, lançada em janeiro de 2012. O conteúdo, além de debater questões sobre como os países educam seus jovens para conseguir emprego e salário dignos ou como a educação diminui as desigualdades sociais no mundo todo, também serve como base para pesquisas e elaboração de políticas educacionais no país. Outra série é a Pisa em Foco, com textos curtos, elaborados a partir de dados levantados nas aplicações do exame, que instigam a reflexão sobre qualidade da educação em todos os países que participam da avaliação.

Fonte: Inep



Wilson Savino (à direita) e Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

Prêmio de reconhecimento a pesquisadores da Fiocruz

O governo francês concedeu ao diretor do IOC/Fiocruz, Wilson Savino, e ao chefe do Laboratório de Pesquisa em Malária, o imunologista Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, o *Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques*, em 1º de agosto. O prêmio é atribuído a personalidades que contribuíram de modo significativo para a educação e cultura francesas, independentemente de suas nacionalidades.

Segundo Savino, a premiação representa uma homenagem a sua atuação em benefício do processo de cooperação franco-brasileiro, sobretudo no que diz respeito à formação de recursos humanos para as ciências da saúde. "Aqui dentro desta medalha permitirei guardar uma história de trabalho que coexiste com mais 30 anos de experiência. Momentos que não aparecem na base de dados do Lattes, mas que poderão ser acessados aqui, no interior das ranhuras destas palmas", agradeceu Savino.

A Ordem das Palmas Acadêmicas foi instituída pelo imperador Napoleão I, em 1808, como título honorário de reconhecimento às relevantes contribuições dos membros da universidade francesa – trata-se da mais antiga condecoração francesa não-militar. A partir de 1955, a honraria passou a ser constituída por três graus: Cavaleiro, Oficial e Comendador. Hoje, as decisões sobre as nomeações e promoções ficam a cargo do ministro da Educação Nacional.

Fonte: IOC

Prevenção de drogas nas escolas

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) e o Ministério da Saúde, com apoio de parceiros, concluíram a primeira etapa de capacitação para lançar nas escolas brasileiras uma nova metodologia de prevenção de drogas. Intitulado *Unplugged*, o projeto ainda está em fase pré-piloto e vai atingir, até o fim do ano, aproximadamente 5 mil alunos da rede pública municipal e estadual nas cidades de São Paulo, São Bernardo do Campo e Florianópolis. O objetivo é eventualmente expandir a metodologia de prevenção para todas as escolas brasileiras que fazem parte do Programa Saúde na Escola, do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação.

A metodologia consiste em promover discussões entre alunos de 10 a 14 anos de idade, em linguagem descontraída e acessível, abordando diversos assuntos e situações de stress que podem levar adolescentes a usar drogas. As discussões também promovem o fortalecimento de fatores de proteção, como bem estar psicológico e emocional, habilidades sociais e bom relacionamento com os pais, que tornam os alunos menos vulneráveis ao uso de drogas e a outros comportamentos negativos.

Fonte: ONU

Ferramenta de inquérito epidemiológico

Uma nova ferramenta de inquérito epidemiológico digitalizado, desenvolvida em sistema android, está sendo validada no Mestrado em Saúde Pública da Fiocruz Pernambuco pelo estudante Onício Leal. A *Schisto Track* oferece como vantagens a anulação dos erros de transcrição e facilidade para o processo de coleta de dados. A tecnologia pode ser usada tanto para o controle da esquistossomose como pode ser adaptada para o inquérito epidemiológico de outras doenças, como filariose e leishmaniose. O trabalho será apresentado em Londres, nos dias 23 e 24 de setembro, durante o maior evento da área de inovação tecnológica em saúde, o 6º Congresso Mundial de Mídias Sociais, Aplicativos Móveis, Internet 2.0 em Saúde e Pesquisa Biomédica - Medicine 2.0.

Leia mais [aqui](#)

Fonte: Fiocruz Pernambuco

Antimalárico na lista de medicamentos essenciais



A Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou a 4ª versão da Lista de Medicamentos Essenciais para Crianças, na qual dois medicamentos produzidos no Brasil foram incluídos. Um deles é o Artesunato+Mefloquina (ASMQ), desenvolvido por Farmanguinhos/Fiocruz, por meio de uma parceria com a Iniciativa Medicamentos para Doenças Negligenciadas (DNDi, na sigla em inglês). Trata-se de uma formulação inovadora, em dose fixa combinada, capaz de curar a malária em até três dias. O ASMQ foi também acrescentado à 18ª Lista de Medicamentos Essenciais para adultos. A inclusão demonstra a importância da instituição no desenvolvimento de medicamentos essenciais para a saúde humana.

A combinação em dose fixa de Artesunato e Mefloquina foi adicionada às duas listas, já que está em consonância com as diretrizes atuais de tratamento da OMS. O ASMQ foi lançado pela primeira vez no Brasil em 2008. Após transferência de tecnologia para a indústria indiana Cipla, o medicamento foi pré-qualificado pela OMS em 2012 e, nos últimos dois anos, registrado na Índia, Malásia e Mianmar. Farmanguinhos envia doações do medicamento a países da América Latina, a fim de combater o surto da doença e registrar o produto na região, para o qual obteve, recentemente, a outorga da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas).

Fonte: Farmanguinhos



■ A jornalista Luisa Massarani, chefe do Museu da Vida. Foto Faperj

Jornalista brasileira é eleita para dirigir a Red Pop

A jornalista Luisa Massarani, chefe do Museu da Vida da Fiocruz, foi eleita por unanimidade para dirigir a Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia para a América Latina e o Caribe (Red Pop), no período 2014-2015. Criada em 1990 com apoio da Unesco, a Red Pop é uma rede interativa que agrupa centros e programas de popularização da ciência e da tecnologia, com o objetivo de estimular a colaboração entre os países da região. Suas reuniões a cada dois anos são o mais importante fórum em popularização da ciência e da tecnologia da região. É a primeira vez que um brasileiro assume a direção da rede.

Luisa Massarani atua em popularização da ciência e da tecnologia desde 1987. Desde 2002, trabalha na Fiocruz. Pesquisadora-produtividade do CNPq, é responsável pela área de divulgação científica da Faperj. Integram também a nova diretoria a mexicana Elaine Reynoso (coordenadora do Nodo Norte-Central), a colombiana Claudia Aguirre (coordenadora do Nodo Andes), a chilena Luz Lindegaard (coordenadora do Nodo Sul) e a costarriquenha Alejandra León Castellá (tesoureira).

Fonte: COC/Fiocruz

Opas publica documento sobre saúde da mulher

O Centro Latino-Americano de Perinatologia – Saúde da Mulher e Reprodutiva (Clap/SMR), da área Saúde Familiar e Comunitária, da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), lançou o documento *Plano de ação para acelerar a redução da mortalidade materna e morbidade materna grave – Estratégia de monitoramento e avaliação*. O objetivo da publicação, disponível em português, inglês, espanhol e francês, é ser um passo a mais para melhorar a saúde das mulheres, contribuindo indiretamente com os esforços dos países para atingir o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio nº 5.

O plano de ação propõe que,



no período 2012-2017, sejam intensificadas as intervenções-chave de eficácia comprovada para reduzir

a morbimortalidade materna em quatro áreas estratégicas que promovam, nos países, o acesso ilimitado à atenção pré-gestacional de alta qualidade (abrangendo o planejamento familiar), bem como à atenção pré-natal, do parto e do puerpério prestada por profissionais qualificados, com adequação intercultural e focando os direitos nas suas ações.

Acesse o [documento aqui](#).

Fonte: Ensp

IOC e USP promovem simpósio internacional

O IOC/Fiocruz, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), vai promover o 12º Simpósio Brasileiro de Matriz Extracelular e o 7º International Symposium on Extracellular Matrix (Simec) entre 29 de outubro e 1º de novembro, em Búzios, no Rio de Janeiro. A proposta é realizar conferências, cursos e mesas-redondas abordando temas relacionados à matriz extracelular e sua importância na biologia celular, biomecânica, genética, bioengenharia e terapia celular.

Um dos objetivos é estimular o intercâmbio entre os pesquisadores, docentes e estudantes, além de permitir que os resultados de suas pesquisas sejam apresentados para a comunidade científica. As inscrições com desconto podem ser feitas até 13 de setembro, no [site oficial do evento](#).

Fonte: IOC



Conferência de comunicação em ciência e tecnologia

A 13ª Conferência Internacional sobre Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (PCST 2014) será realizada de 5 a 8 de maio de 2014, em Salvador. Tendo lugar na América Latina pela primeira vez, o tema central será *Divulgação da ciência para a inclusão social e o engajamento político*. As conferências sobre comunicação pública da ciência e tecnologia são um fórum para a discussão de temas sobre a prática, a capacitação e a pesquisa na área de divulgação da ciência.

Acesse o [site da conferência](#).

Fonte: Ministério da Ciência e Tecnologia

Fiocruz Minas e instituto de pesquisa americano unem esforços no combate ao mal de Chagas



Danielle Monteiro - CCS

As *expertises* do Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR/**Fiocruz Minas**) em estudos imunológicos e do Instituto de Pesquisa Biomédica do Texas em pesquisas de genética das populações somaram forças e deram origem a um projeto inovador para o combate ao mal de Chagas. A parceria, que será renovada por mais cinco anos em outubro, inclui o estudo da resposta imune dos indivíduos à enfermidade e a varredura genômica para a identificação de genes relacionados ao processo de desenvolvimento da doença cardíaca.

O objetivo é estudar a epidemiologia e genética da progressão da doença no município de Posse, no estado de Goiás, onde é alta a prevalência da infecção pelo *Trypanosoma cruzi*, agente causador da enfermidade. Com o apoio da secretaria de saúde municipal e de um médico local, 2.560 mil pessoas têm sido acompanhadas, portadores ou não da doença de Chagas. A iniciativa tem apresentado resultados promissores, que podem levar a novos tratamentos não somente para o mal de Chagas, mas também para doenças do coração. O coordenador do projeto na Fiocruz, Rodrigo Correa Oliveira, contou ao Crisinforma como ele tem sido conduzido.

Como surgiu essa parceria entre a Fiocruz Minas e o Texas Biomedical Research Institute?

Oliveira: O projeto foi iniciado após contato pessoal e trocas de e-mails entre os dois grupos. Ambos estavam interessados em identificar marcadores genéticos que permitissem a identificação de indivíduos em risco de desenvolver a forma clínica grave da doença. Enquanto o grupo da Fiocruz Minas avaliava marcadores imunológicos, o grupo do Texas estudava genética humana e doenças crônicas. Portanto, foi um processo de aproximação natural devido a interesses comuns.

Por que o Texas Biomedical Research Institute foi escolhido como parceiro?

Oliveira: A competência da instituição em estudos de genética de populações é internacionalmente conhecida. O grupo que participa deste projeto desenvolveu e continua aprimorando modelos matemáticos de análise conjunta de fatores genéticos e ambientais, que influenciam a expressão de um fenótipo específico. Eles estudam grandes populações, o que valida ainda mais os resultados obtidos. Estes modelos vêm sendo utilizados por várias instituições de

pesquisa do mundo e têm demonstrado a sua força para análise de dados em grandes populações, e não somente em grupos familiares. Este processo, aliado aos estudos da Fiocruz Minas sobre marcadores da resposta imune humana na doença de Chagas, tornou o projeto extremamente inovador.

Qual a importância desse estudo da epidemiologia e genética da progressão do mal de Chagas para o combate à doença?

Oliveira: O objetivo central do estudo é a identificação de marcadores genéticos que podem ser facilmente utilizados para a predição do desenvolvimento das formas graves da doença. Com a utilização dos marcadores, os clínicos podem iniciar um processo mais rápido de tratamento preventivo para os indivíduos que têm risco elevado de desenvolvimento da forma grave da doença. Esperamos, com este estudo, desenvolver um método simples de identificação destes indivíduos, já que ainda existe um grande número de pacientes infectados ou em risco de infecção no Brasil e em outras partes do mundo. Sendo assim, este estudo, assim que estiver um pouco mais avançado, terá uma enorme importância no manejo do paciente portador da doença de Chagas.

Como a população que estudamos inclui todos os moradores, esperamos identificar, ainda, outros fatores preditivos do desenvolvimento de doenças cardíacas não relacionadas à enfermidade de Chagas. Esta análise, sem dúvida, será de grande impacto para o sistema de saúde, não só brasileiro, pois permitirá a identificação de fatores de risco de desenvolvimento de doença cardíaca. A identificação destes fatores, juntamente com o desenvolvimento de métodos laboratoriais de análise previstos para o futuro, poderá ser incorporada aos serviços, permitindo o tratamento preventivo de doenças cardíacas. O fato de estudarmos grandes populações nos leva a identificar claramente grandes grupos familiares. E a identificação do parentesco destes grupos aumenta significativamente o nosso poder de análise.

Quais foram os principais resultados até agora alcançados?

Oliveira: Vários dados já foram obtidos e uma parte publicada. No estágio atual, estamos refinando a análise para identificação exata da região gênica e, ao mesmo tempo, validando parte dos resultados obtidos em estudos imunológicos e clínicos. Como exemplo, podemos citar a identificação

de dois genes localizados no cromossoma 19, que foram relacionados à resposta imune. A importância destes genes foi validada em estudos *in vitro*, utilizando células do sangue periférico de pacientes portadores da doença de Chagas. Nestes estudos, demonstramos que células que expressam os marcadores codificados por estes genes estão aumentadas em indivíduos portadores da forma clínica grave da doença. Outro ponto importante deste estudo é que demonstramos que o bloqueio completo de ramo direito (do coração), característica clínica da doença de Chagas, é 98% determinado pela genética do indivíduo.

Qual o papel da Fiocruz Minas e do Texas Biomedical Research Institute na cooperação?

Oliveira: A Fiocruz Minas executa todos os estudos imunológicos que não só identificam prováveis mecanismos envolvidos no processo imunopatológico da doença, assim como válida, através de ensaios *in vitro*, o envolvimento de genes identificados, através dos estudos de varredura genômica. Já o Texas Biomedical Research Institute faz os estudos genéticos computacionais, assim como a varredura genômica em grande esca-

la. Para esta parte do projeto, há necessidade de um grande número de equipamentos de alta performance, assim como super computadores, ainda não disponíveis para os grupos de pesquisa no Brasil. O processamento de um grande número de informações simultâneas exige não só os equipamentos citados, mas um grande número de bioinformatas capazes de analisar os dados gerados.

Há previsão do estabelecimento de outras parcerias com o Texas Biomedical Research Institute?

Oliveira: Esperamos dar continuidade ao estudo atual e iniciar, em breve, uma análise preliminar de outras populações portadoras de doenças como a lepra e helmintoses, ainda bastante prevalentes em nosso país. Estes estudos têm basicamente a mesma ideia e visam também à identificação de fatores genéticos de risco.

Quais os maiores desafios para o combate à doença de Chagas no Brasil?

Oliveira: A transmissão vetorial da doença de Chagas está bem controlada no Brasil, mas ainda existe um grande desafio, que é o manejo do paciente,

a identificação de populações em risco de desenvolvimento de formas graves além, é claro, de um diagnóstico sorológico adequado. A identificação, o acompanhamento e o tratamento desses indivíduos ainda é um grande desafio para o sistema de saúde brasileiro. Apesar do grande sucesso do controle vetorial, a doença de Chagas ainda existe em nosso país com um grande número de indivíduos infectados, necessitando de tratamento e acompanhamento. Um grande desafio é, sem dúvida, o treinamento de profissionais de saúde para o diagnóstico e acompanhamento dos indivíduos infectados. A doença de Chagas é pouco conhecida pelos profissionais de saúde que estão sendo formados.

Outros problemas que estamos enfrentando e que podem mudar o panorama atual da doença de Chagas são as mudanças climáticas, o papel de vetores antes pouco importantes na transmissão e a mobilidade do homem para áreas antes não habitadas, mas onde a transmissão ocorre. Portanto, há necessidade de um processo de entendimento do balanço social e ecológico para que o controle da doença possa ser mantido. Este tipo de atividade é dependente de ações contínuas de vigilância epidemiológica, pesquisa e treinamento de profissionais de saúde.

Curso de Cooperação Internacional em Saúde

O II Curso de Atualização em Políticas Públicas de Cooperação Internacional em Saúde: Dimensões Bioéticas está com inscrições abertas até 19 de setembro. Serão disponibilizadas 20 vagas. Para se inscrever, o candidato deve preencher o formulário eletrônico de inscrição disponível na [Plataforma SIGA](#). O curso será realizado nos dias 21, 22, 29 e 30 de outubro, em Campo Grande (MS). As aulas serão realizadas na Escola de Governo em Saúde da Fiocruz Brasília.

Podem se inscrever profissionais com formação na área da saúde ou ciências políticas e sociais; profissionais que atuam nas áreas de relações internacionais de instituições governamentais; funcionários de organizações internacionais e regionais, ONGs, organizações filantrópicas, universidades e sistemas de ciência, tecnologia e inovação, vinculados à área; estudantes de pós-graduação nas

áreas de relações internacionais, saúde coletiva ou bioética.

Confira o edital [aqui](#). Leia mais sobre o curso [aqui](#).

Fonte: Fiocruz Brasília

Bolsas de mestrado para estrangeiros

O Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) está selecionando bolsistas estrangeiros para efetuar sua formação de mestrado no país. O objetivo é conceder bolsas para cidadãos de países com os quais o Brasil mantém acordo de Cooperação Educacional e Cultural ou em Ciência e Tecnologia.

Com inscrições abertas até 8 de outubro, cerca de 100 bolsas serão financiadas para a formação acadêmica no nível de mestrado, em qualquer área acadêmica. O benefício será concedido mensalmente pelo CNPq, durante o pra-

zo máximo de 24 meses, improrrogáveis, contados a partir do envio de todos os documentos obrigatórios e implementação da bolsa e do acordo, com valores e normas estabelecidos pelo CNPq.

Os países com os quais o Brasil possui acordos dentro do contexto da chamada são: África do Sul, Angola, Antígua e Barbuda, Argentina, Argélia, Benin, Barbados, Bolívia, Cabo Verde, Camarões, Chile, Colômbia, China, Costa do Marfim, Costa Rica, Cuba, Egito, Gabão, El Salvador, Equador, Gana, Líbano, Guatemala, Guiana, Índia, Marrocos, Haiti, Honduras, Mali, Namíbia, Jamaica, México, Moçambique, Paquistão, Nicarágua, Panamá, Nigéria, República Democrática do Congo, Paraguai, Peru, Quênia, São Tomé e Príncipe, República Dominicana, Suriname, República do Congo, Síria, Trinidad e Tobago, Uruguai, Senegal, Tanzânia, Venezuela, Tailândia, Togo, Timor Leste e Tunísia.

Fonte: CNPq